

IPCA sobe 0,44% com energia e alimentos

Conjuntura IPCA tem alta de 0,44% em setembro com forte impacto de fatores climáticos sobre os preços de alimentação e energia

Clima pesa, alimento acelera e carne pode pressionar inflação

Lucianne Carneiro e Marcelo Osakabe
Do Rio e de São Paulo

A estagnação prolongada pressionou a inflação setembro, refletindo em preços mais salgados da energia elétrica e de alimentos. Após o dado, parte dos analistas reviu para cima seus números para 2024, em um movimento que deixa as estimativas perto ou já acima do teto da meta perseguida pelo Banco Central.

Segundo o IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acelerou para 0,44% em setembro, após recuo de 0,02% em agosto. O resultado veio ligeiramente abaixo da mediana das projeções colhidas pelo Valor Data, de alta de 0,45% e intervalo entre 0,24% a 0,55%.

No acumulado do ano, o IPCA tem alta de 3,31%, já em 12 meses, a alta é de 4,42%.

Pressão concentrada

Mais de 70% da alta de setembro ficou concentrada nos grupos energia elétrica e de alimentos. O primeiro subiu 5,36% em setembro, com influência de 0,21 ponto percentual sobre o IPCA cheio. Já o segundo avançou 0,50%, acrescentando outro 0,11 ponto percentual.

"Os fatores climáticos contribuíam para acelerar preços. Na energia, houve mudança para a bandeira tarifária vermelha 1 por causa da preocupação com o nível dos reservatórios. No caso de carnes e frutas, há a questão

do clima seco e da ausência de chuvas" disse o gerente do índice no IBGE, André Almeida.

Somente o grupo carnes saltou de uma alta 0,52% no IPCA de agosto para 2,97% em setembro, uma pressão que deve perdurar nos próximos meses, analisam economistas.

"O grupo alimentação no domicílio será uma 'dor de cabeça' para o IPCA do fim do ano, principalmente devido ao grupo de carnes, que já sobe mais de 6% no atacado e tem um peso relevante no índice geral (2,35%). Até por isso, subimos a nossa projeção para o IPCA no fim do ano de 4,40% para 4,60%, com viés de alta", afirma o economista-chefe da G5 Partners, Luis Otávio Leal.

"Houve uma alta forte, em linha com o movimento visto nos preços de atacado e que ainda não acabou. Em outubro, a alta das carnes deve ser ainda mais forte", diz Leonardo Costa, economista do ASA.

Ele pondera também que a contribuição da energia também deve ser positiva, já que a bandeira tarifária passa para vermelha 2 em outubro.

Avaliação semelhante tem Alexandre Maluf, da XP Investimentos. "Nossa previsão de 6,1% para o grupo alimentação no domicílio tem viés altista, mesmo após nosso recente ajuste — a dinâmica de preços do bot gordo, a renda familiar sólida e as exportações recordes de carne registradas em setembro reforçam essa



"Houve uma alta forte, em linha com os preços de atacado e que ainda não acabou"
Leonardo Costa

visão", afirma o profissional em comentário distribuído.

Após o dado, alguns analistas elevaram suas projeções para o ano. Olhando principalmente os preços afetados pela seca, mas também pressões sobre o preço do petróleo e o câmbio desvalorizado, o BNP Paribas a elevar a projeção para o IPCA em 2024, de

4,4% para 4,7% — acima do teto da meta perseguida pelo Banco Central, que tem centro em 3,00% e teto em 4,50%. Já o Barclays elevou de 4,1% para 4,3%.

Em relação à parte qualitativa, o IPCA de setembro "trouxe sinalizações para todos os gostos", avalia Leal. Na média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada, nota, os serviços subjacentes — grupo acompanhado de perto pelo BC — caíram de 5,41% para 4,59%. Já o dado cheio ficou estável em 4,23%, enquanto a média dos núcleos subiu de 4,33% para 4,69%.

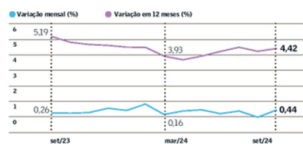
A inflação de serviços é onde os economistas buscam pistas sobre o repasse de um mercado de trabalho aquecido e uma economia rodando acima de seu potencial afetam os preços. Para Maluf, da XP, os dados reforçam o cenário-base de que os serviços subjacentes oscilam em torno de 5% ao ano nos próximos trimestres, refletindo a atividade econômica firme e as expectativas de inflação desatadas.

"Por ora, ainda vemos o cenário como o Banco Central, para quem existem riscos de que o mercado de trabalho afete a inflação, mas que os indícios não apareceram nos dados ainda. A composição ainda segue com qualitativo favorável e alguns alívios nos núcleos", pondera o economista-chefe da Scredit Asset, Luiz Furlani.

De olho na pressão de energia e alimentos, no entanto, a Gester eleva a projeção para o IPCA

Inflação acelera

IPCA tem maior alta para setembro desde 2021 (1,16%)



Desempenho em setembro (em %)

Grupo	Varição (%)
Alimentação e bebidas	0,50
Habituação	1,80
Artigos de residência	-0,19
Vestúrios	0,18
Transportes	0,14
Saúde e cuidados pessoais	0,46
Despesas pessoais	-0,31
Educação	0,05
Comunicação	-0,05

Principais pressões no IPCA de setembro

Para cima	Varição (%)	Impacto (em ponto percentual)
Energia elétrica residencial	5,36	0,21
Gás de botijão	2,4	0,03
Passagem aérea	4,64	0,03
Plano de saúde	0,58	0,02
Perfume	1,76	0,02
Café moído	4,02	0,02
Contratado	3,79	0,02

Para baixo	Varição (%)	Impacto (em ponto percentual)
Cinema, teatro e concertos	-8,75	-0,04
Coboi	-16,95	-0,03
Seguro voluntário de veículo	-2,42	-0,02
Batata inglesa	-4,56	-0,02
Tomate	-6,58	-0,01

Fonte: IBGE

no ano para 4,6%.

Para Carlos Thadeu, economista da BGC Liqueidez, a leitura mais salgada das carnes deve ofuscar os números positivos da parte qualitativa, como núcleos e inflação de serviços.

"O mercado já havia absorvido a informação de que núcleos e serviços viriam mais baixos como

IPCA-15 de setembro. Já o grupo alimentação veio mais forte que o esperado. Enquanto a queda dos preços de cinema (8,75%) deve ser devolvida nos meses seguintes, a alta das carnes é algo que vai perdurar", explica. A corretora vê alta de 4% a 6% das carnes em outubro, em linha com os movimentos já vistos no atacado.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A **Página:** 4